

"UM MAGNÍFICO AUTOR DE SUSPENSE." STEPHEN KING

**PIERRE
LEMAITRE**



**BODAS
DE SANGUE**

BODAS DE SANGUE

**PIERRE
LEMAITRE**

**BODAS
DE SANGUE**

Tradução
Zéfere

 GUTENBERG

Copyright © 2009 Calmann-Lévy

Copyright desta edição © 2020 Editora Gutenberg

Título original: *Robe de marié*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Rejane Dias*

EDITORA ASSISTENTE *Carol Christo*

PREPARAÇÃO *Kátia Trindade*

REVISÃO *Mariana Faria*

Renato Potenza Rodrigues

ADAPTAÇÃO DE CAPA ORIGINAL *Diogo Droschi*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lemaitre, Pierre

Bodas de sangue / Pierre Lemaitre ; tradução Zéfere. -- 2. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2020.

Título original: *Robe de marié*.

ISBN 978-85-8235-606-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

19-28426 CDD-843.0872 Índices para catálogo sistemático:1. Ficção policial e de mistério :
Literatura francesa 843.0872

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

www.editoragutenberg.com.br

*Para Pascaline, claro,
sem a qual nada disso...*

SOPHIE

Sentada no chão, as costas contra a parede, as pernas esticadas, ofegante.

Léo está completamente encostado nela, imóvel, com a cabeça no seu colo. Com uma das mãos, ela acaricia seus cabelos; com a outra, tenta enxugar os olhos, mas com uma grande desordem nos gestos. Chora. Os soluços às vezes se transformam em gritos; começa a berrar, algo que vem do ventre. A cabeça pende para um lado, para o outro. Às vezes a aflição é tão intensa que ela bate contra a parede a parte de trás da cabeça. A dor lhe traz um pouco de conforto, mas, logo, dentro dela, tudo desmorona de novo. Léo é muito tranquilo, ele não se move. Ela baixa os olhos, olha para ele, aperta a sua cabeça rente ao ventre e chora. Ninguém pode imaginar o tamanho da sua infelicidade.

Nessa manhã, como em tantas outras, ela acordou em prantos, com um nó na garganta, mesmo sem ter nenhuma razão em particular para estar preocupada. Na sua vida, as lágrimas não são nada de excepcional: chora todas as noites desde que ficou louca. De manhã, caso não sentisse o rosto encharcado, poderia até pensar que suas noites são tranquilas e seu sono é profundo. De manhã, o rosto banhado em lágrimas e o aperto na garganta são meros detalhes. Desde quando? Desde o acidente de Vincent? Desde sua morte? Desde a primeira morte, bem antes?

Ela endireitou-se sobre um dos cotovelos. Enxuga os olhos no lençol, tateando à procura dos cigarros e, não os encontrando, de repente percebe onde estão. Tudo lhe vem à cabeça, os acontecimentos da véspera, da noite... Ela se lembra, de repente, de que precisa ir embora, deixar aquela casa. Levantar-se e ir embora, mas fica ali, pregada na cama, incapaz de fazer o mínimo gesto. Esgotada.

Quando ela finalmente consegue sair da cama e ir até a sala, encontra a senhora Gervais sentada no sofá, tranquila, inclinada sobre o seu teclado.

- Tudo bem? Descansada?
- Tudo bem. Descansada.
- Pela sua cara, não parece.
- Eu sempre fico assim de manhã.

A senhora Gervais salva o arquivo e fecha seu laptop.

– Léo ainda está dormindo – diz ela, já se dirigindo com um passo firme ao cabideiro. – Eu estava com medo de acordá-lo, então preferi não entrar no quarto. Como ele não tem aula hoje, é melhor que fique dormindo, assim você tem um tempinho de tranquilidade...

Não tem aula hoje. Sophie se recorda vagamente. Algo sobre uma reunião pedagógica. De pé, perto da porta, a senhora Gervais já vestiu o casaco.

– Tenho que ir agora...

Ela sente que não vai ter coragem de anunciar sua decisão. Aliás, mesmo que tivesse coragem, não teria tempo. A senhora Gervais já fechou a porta e se foi.

Hoje à noite...

Sophie ouve o barulho dos seus passos na escada. Christine Gervais nunca toma o elevador.

Tudo fica em silêncio. Pela primeira vez, desde que conseguiu aquele emprego, ela acende um cigarro ali mesmo, no meio da sala. Põe-se a vagar pela casa. Faz lembrar uma sobrevivente de uma catástrofe, tudo o que vê lhe parece vazio. Precisa ir embora. Já não sente tanta pressa agora que está sozinha, de pé, com um cigarro na mão. Mas sabe que, por causa do Léo, precisa se preparar para ir embora. Dando um tempo para não perder o juízo, ela vai à cozinha e coloca água para ferver na chaleira elétrica.

Léo, seis anos.

Desde que o viu, pela primeira vez, ela o achou uma criança bonita. Fazia quatro meses, nessa mesma sala da rua Molière. Ele entrou correndo, parou de uma só vez diante dela e a olhou fixamente, erguendo um pouco a cabeça, o que, nele, é um sinal de intensa reflexão. Sua mãe disse simplesmente:

– Léo, como eu tinha te falado, essa é a Sophie.

Ele a observou por bastante tempo. Depois disse simplesmente: “Legal” e aproximou-se dela para cumprimentá-la com um beijo.

Léo é um menino amável, um pouco caprichoso, inteligente e terrivelmente vivo. O trabalho de Sophie consiste em levá-lo à escola pela manhã, pegá-lo no almoço e depois no fim do dia e cuidar dele até a senhora Gervais ou seu marido voltarem para casa, num horário imprevisível. Portanto, sua hora de ir embora varia entre cinco da tarde e duas da manhã. O que lhe rendeu o

emprego com certeza foi sua disponibilidade: ela não tem vida pessoal, isso ficou evidente desde a primeira entrevista para o trabalho. A senhora Gervais até tentou não tirar tanto proveito da sua disponibilidade, mas as demandas do dia a dia sempre prevalecem sobre os princípios. Em menos de dois meses, Sophie se tornou uma engrenagem indispensável para a família, porque está sempre lá, sempre a postos, sempre à disposição.

O pai de Léo, um quarentão esguio, ressecado e enrugado, é chefe de serviço no Ministério das Relações Exteriores. Já sua esposa, uma mulher alta e elegante com um sorriso incrivelmente sedutor, tenta conciliar as exigências do seu cargo de estatística em uma sociedade de auditoria com aquelas que lhe cabem como mãe e mulher de um futuro secretário de Estado. Todos os dois ganham a vida muito bem. Sophie foi sábia em não ter se aproveitado disso para negociar o salário. Na verdade, sequer pensou nisso, já que aquilo que lhe propunham atendia às suas necessidades. A senhora Gervais logo aumentou o seu ordenado, no fim do segundo mês.

Já Léo, agora, só jura pelo nome dela. Ela parece ser a única que pode, sem se esforçar, obter dele o que a sua mãe levaria um bom tempo. Não se trata de uma criança mimada e exigente como um tirano, o que poderia ter-se temido, mas de um garoto calmo e que sabe escutar. Claro, ele dá suas cabeçadas, mas Sophie ocupa um lugar privilegiado na sua hierarquia, bem no topo.

Toda noite, por volta das 18 horas, Christine Gervais liga para ter notícia e dizer, num tom embaraçado, a que horas vai chegar. Sempre conversa alguns minutos com seu filho e depois com Sophie, com quem, por telefone, esforça-se para trocar umas palavras mais pessoais.

Essas tentativas não são tão bem-sucedidas: Sophie se atém, sem nenhuma vontade em especial, a generalidades formais, como o relatório do que aconteceu durante o dia, sua conversa se resumindo essencialmente a isso.

Léo é colocado na cama às 20 horas em ponto, todas as noites. Isso é importante. Sophie não tem filhos, mas tem princípios. Depois de ler uma história para ele, ela passa o resto da noite na frente da imensa televisão de tela plana que recebe praticamente todos os canais transmitidos via satélite, um presente disfarçado dado pela senhora Gervais, no segundo mês de trabalho, assim que constatou que Sophie estava sempre na frente da televisão quando ela chegava em casa, pouco importava o horário. Foram várias as vezes em que a senhora Gervais ficou espantada com aquilo, com o fato de uma mulher de 30 anos, visivelmente de boa educação, contentar-se com um emprego tão modesto e passar noites inteiras na frente de uma tela, mesmo que seja agora uma telona. Na primeira conversa entre elas, Sophie lhe disse que tinha estudado comunicação. A senhora Gervais quis saber um pouco mais e ela mencionou seu diploma universitário num curso profissionalizante, explicou, sem especificar seu cargo, que tinha trabalhado numa empresa de origem inglesa e disse ter sido casada, mas que já não era mais. Essas informações bastaram à senhora Gervais. Sophie tinha sido recomendada por uma amiga de infância, diretora de uma agência de trabalhos temporários que, por alguma razão ainda desconhecida, simpatizou com ela, numa única entrevista. E, acima de tudo, era urgente a contratação de alguém: a babá anterior tinha pedido demissão de uma hora para a outra, sem aviso-prévio. O rosto calmo e sério de Sophie inspirava confiança.

Durante as primeiras semanas, a senhora Gervais procurou sondar um pouco mais sobre sua vida, mas, com muito tato, desistiu, pressentindo que um “drama terrível e secreto” devia ter assolado a sua existência, um resquício de romantismo bastante frequente, mesmo na alta burguesia.

Como de costume, quando a chaleira elétrica dá o sinal de que a água está fervida, Sophie se encontra perdida nos seus pensamentos. No caso dela, podem durar um bom tempo, tais momentos de ausência. Seu cérebro parece se fixar em torno de

uma ideia, de uma imagem, o pensamento se enrola ao redor, bem devagar, feito um inseto, e ela perde a noção do tempo. Aí, sob o efeito de uma espécie de lei da gravidade, ela cai novamente no instante presente. Então retoma sua vida lá onde a tinha interrompido, normalmente. É sempre assim.

Dessa vez, curiosamente, foi o rosto do doutor Brevet que surgiu. Há muito não pensava nele. Não era assim a imagem que tinha dele. Por telefone, imaginara um homem alto, autoritário, e ele era uma coisinha de nada, lembrava um escrevente de um tabelião, impressionado por ser autorizado a receber clientes menos importantes. Ao lado, uma estante de livros com bibelôs. Sophie queria ficar sentada. Dissera na entrada: “Não quero me deitar”. O doutor Brevet fizera um sinal com a mão, como que dizendo que não havia problema algum. “Aqui, a gente não se deita”, acrescentara ele. Sophie se explicara, o melhor que pudera. “Uma caderneta”, decretara, enfim, o doutor. Sophie devia anotar tudo o que fazia. Podia ser que, simplesmente, fosse ela que fizesse dos seus esquecimentos uma coisa “do outro mundo”. Precisava tentar ver as coisas objetivamente, dissera o doutor Brevet. Dessa forma, “você poderá medir com exatidão o que esquece, o que perde”. Então Sophie tinha começado a anotar tudo. Tinha feito isso por, vai saber, três semanas... Até a sessão seguinte. E, durante esse período, quanta coisa tinha perdido! De quantos encontros tinha se esquecido e, duas horas antes de reencontrar o doutor Brevet, ela se deu conta de que tinha perdido até mesmo a sua caderneta. Impossível tê-la às mãos novamente. Já havia revirado tudo. Teria sido nesse dia que tinha trombado de novo com o presente de aniversário de Vincent? Aquele que ela tinha sido incapaz de achar na hora de lhe fazer a surpresa.

Tudo se confunde, sua vida é uma confusão só...

Ela despeja a água na caneca e termina o cigarro. Sexta-feira. Não tem aula. Normalmente, ela só fica o dia inteiro com Léo na quarta-feira e, às vezes, nos fins de semana. Leva-o para cá, para

lá, dependendo dos desejos e das oportunidades. Até agora os dois se divertiram bastante, e brigaram com frequência. Enfim, tudo anda bem.

Pelo menos até que ela começasse a sentir alguma coisa meio estranha e, depois, incômoda. Não quis dar muita importância, tentou rechaçar aquilo como se fosse uma mosca, mas a sensação insistia em voltar. Seu comportamento com o garoto foi sofrendo transformações. Nada com o que se alarmar no início. Somente algo vago, silencioso, algo secreto que parecia implicar a ambos.

Até que a verdade apareceu de repente, na véspera, na praça Dantremont.

Esse fim de maio foi bem bonito em Paris. Léo quis um sorvete. Ela se sentou no banco, não se sentia bem. Primeiro atribuiu o mal-estar ao fato de que detesta mais que tudo esse lugar, porque tem que passar o tempo todo se esquivando das conversas com as mães. Conseguiu se livrar daquelas que estão sempre por lá e agora, já não tentam mais, incessantemente, abordá-la. Mas ainda tem muito que fazer em relação às menos assíduas, às novatas, às de passagem, sem contar as aposentadas. Não gosta dessa praça.

Está folheando, distraidamente, uma revista quando Léo chega e fica parado na frente dela. Olha para ela sem nenhuma intenção em particular, tomando sorvete. Ela devolve o olhar. E compreende, nesse exato momento, que não poderá esconder de si mesma o que está mais que evidente: inexplicavelmente, começou a detestá-lo. Ele continua a olhar para ela fixamente e ela enlouquece ao ver que tudo o que ele é tornou-se insuportável, seu rosto de querubim, sua boca gulosa, seu sorriso imbecil, suas roupas ridículas.

“Vamos”, disse ela, como se dissesse: “Vou-me”. A máquina voltou a funcionar na cabeça. Com seus brancos, suas faltas, seus vazios, seus disparates... Enquanto caminha apressada para casa (Léo reclama que está indo rápido demais), imagens desordenadas vêm atormentá-la: o carro de Vincent achatado na árvore e as luzes da polícia girando na noite, seu relógio no fundo de um porta-joias, o

corpo da senhora Duguet rolando pela escada, o alarme da casa urrando no meio da noite... As imagens vão desfilando de um lado para o outro, novas imagens, antigas. A máquina da vertigem retomou seu movimento perpétuo.

Sophie perdeu a conta dos anos de loucura. Faz longa data... Por causa do sofrimento, sem dúvida, tem a impressão de que o tempo contou em dobro. Um leve declive no início e, ao fio dos meses, a impressão de estar num tobogã, descendo em alta velocidade. Sophie era casada naquela época. Era... antes de tudo isso. Vincent era um homem muito paciente. Cada vez que Sophie se lembra de Vincent, ele vem como em uma fusão de imagens cinematográficas: o Vincent jovem, sorridente, eternamente calmo, se confunde com aquele dos últimos meses, com o rosto fatigado, a tez amarelada, os olhos vidrados. No princípio do casamento (Sophie revê com exatidão o apartamento, fica até difícil imaginar como, numa mesma cabeça, podem viver juntos tantos recursos e tanta escassez), tudo era só uma distração. Este era o mote: “Sophie é distraída”, mas o que a consolava é que ela sempre fora assim. Depois sua distração tinha se tornado bizarrice. E, em poucos meses, tudo desandou de uma maneira brutal. Esquecimento de compromissos, coisas, pessoas, começa a perder objetos, chaves, papéis, a reencontrá-los semanas mais tarde, nos lugares mais inusitados. Apesar da sua calma, Vincent foi aos poucos ficando nervoso. Não é difícil compreender. Depois de tanto... Esquecer a pílula, os presentes de aniversário, as decorações de Natal... É de tirar qualquer um do sério. Então Sophie começou a anotar tudo, escrupulosamente, como uma drogada em processo de recuperação. Perdeu suas cadernetas de anotação. Perdeu o carro, amigos, foi detida por roubo, seus distúrbios foram, pouco a pouco, contaminando todos os aspectos da sua vida e ela começou, como uma alcoólatra, a dissimular suas faltas, a trapacear, a mascarar, para que nem Vincent nem ninguém se desse conta de nada. Um terapeuta lhe

propôs que se internasse. Recusou, até que a morte se convidou a tomar parte na sua loucura.

Sem parar de caminhar, Sophie abre a bolsa, enfia a mão lá dentro, acende um cigarro tremendo, respira fundo. Fecha os olhos. Apesar do zumbido tomando conta da cabeça e do mal-estar a deixá-la arrasada, percebe que Léo não está mais do seu lado. Ela se volta para trás e o vê lá longe, em pé no meio da calçada, de braços cruzados, com a cara fechada, recusando-se obstinadamente a andar. Vendo esse menino emburrado, com os pés grudados na calçada, ela é subitamente tomada por uma raiva terrível. Volta até ele, para bem na sua frente e lhe dá um tapa, que se pode escutar à distância.

É o barulho do tapa que a acorda. Ela sente vergonha, vira para ver se alguém a viu. Não tem ninguém, a rua está tranquila, só uma moto passando lentamente ao lado deles. Seu olhar se volta para o menino, que esfrega a bochecha. Ele devolve o olhar, sem chorar, como se aquilo não tivesse muito a ver com ele.

Ela diz: “Vamos pra casa”, em um tom decisivo.

E pronto.

Não se falaram mais o resto do dia. Cada um com suas razões. Ela, vagamente, se questionava se esse tapa não ia lhe causar problemas com a senhora Gervais, mesmo sabendo que aquilo não tinha grande importância. Agora ela devia ir embora, tudo acontecia como se ela já tivesse ido embora.

Como que propositalmente, Christine Gervais voltou tarde nessa noite. Sophie estava dormindo no sofá e, na televisão, via-se um jogo de basquete a todo vapor, sob um dilúvio de gritos e ovações. O silêncio a acordou quando a senhora Gervais desligou o aparelho.

– Está tarde... – desculpou-se ela.

Sophie olhou para a silhueta de casaco que estava parada na sua frente. Resmungou um “não” bem mole.

– Quer dormir aqui?

Quando volta tarde, a senhora Gervais sempre lhe propõe ficar, ela recusa e a senhora Gervais paga o táxi para ela.

Por um instante, Sophie reviu o filme do fim do dia, a noite silenciosa, os olhares se esquivando, Léo, sério, escutando a história que ela lia para ele, que, visivelmente, pensava em outra coisa. E, vendo que o beijo de boa noite foi tão penoso para ele, ela ficou surpresa com o que lhe disse:

– Não foi nada, não, meu bem, não foi nada. Me desculpe...

Léo fez que “sim” com a cabeça. Parecia que, naquele instante, a vida adulta acabava de irromper no seu universo, brutalmente, e isso, para ele também, tinha sido muito desgastante. Logo adormeceu.

Dessa vez, Sophie aceitou ficar e dormir por lá, tamanho o seu abatimento.

Ela segura com as duas mãos a caneca de chá, agora frio, sem se emocionar com as lágrimas que caem, pesadas, no piso. Por um curto instante, vem uma imagem, o corpo de um gato pregado numa porta de madeira. Um gato preto e branco. E outras imagens também. Somente mortes. São muitas as mortes na sua história.

Está na hora. Uma olhada no relógio de parede da cozinha: 9h20. Sem se dar conta, acendeu mais um cigarro. Com os nervos à flor da pele, apagou-o.

– Léo!

Sua própria voz lhe deu um susto. Escuta nela uma angústia que não sabe de onde vem.

– Léo?

Vai apressada ao quarto do menino. Sobre a cama, as cobertas formam um monte arredondado, como uma montanha russa. Ela respira, aliviada, e sorri, ainda que um sorriso vago. Desvanecido o medo, sem querer é levada a um tipo de ternura misturada com gratidão.

Chega perto da cama e diz:

– Então, cadê esse menininho...?

Vira para trás.

– Aqui, talvez...

Bate levemente a porta do armário de pinho, sem deixar de vigiar a cama com o canto do olho.

– Não, dentro do armário, não. Talvez numa das gavetas...

Abre as gavetas, uma, duas, três, dizendo:

– Nessa, não... Nem nessa... Não, também não... Onde é que ele foi parar...?

Aproxima-se da porta e, com uma voz mais alta:

– Bom, é isso, já que ele não está aqui, vou embora...

Fecha a porta com força, mas fica no quarto, olhando fixamente para a cama e para os lençóis. Fica à espreita, à espera de um movimento. E lhe vem um mal-estar, um buraco no estômago. Estranhíssima a forma que fazem os lençóis. Ela fica lá, petrificada, as lágrimas sobem de novo aos olhos, mas não são mais as mesmas, e sim, aquelas de outrora, aquelas que rebrilham no corpo ensanguentado de um homem desmantelado em cima do volante, aquelas que acompanham suas mãos espalmadas nas costas de uma velha lançada escada abaixo.

Em passos mecânicos, chega mais perto da cama e puxa os lençóis com um só gesto.

Léo está ali, sim, mas não está dormindo. Está nu, encolhido, com os pulsos atados aos tornozelos e a cabeça entre os joelhos. De perfil, seu rosto tem uma cor assustadora. Seu pijama serviu para amarrá-lo com firmeza. No pescoço, um cadarço, apertado com tanta força que deixou uma marca profunda na carne.

Ela morde o próprio punho, mas não consegue conter o vômito. Inclina-se para a frente, evita ao máximo encostar-se ao corpo da criança, mas a única saída é se apoiar na cama. No mesmo instante, aquele corpo pequenino rola na sua direção, a cabeça de Léo vem se chocar contra seus joelhos. Aperta-o tão rente a si mesma que nada pode impedir que eles caiam um sobre o outro.

E lá está ela agora, sentada no chão, com as costas contra a parede e, rente ao seu corpo, o corpo de Léo, inerte, gelado... Seus próprios berros a atordoam, como se saíssem de outra pessoa. Ela baixa os olhos em direção à criança. Apesar da cortina de lágrimas embaçando a vista, ela vê a proporção do desastre. Com gestos mecânicos, acaricia os cabelos do menino. Seu rosto, bege, marmorizado, está voltado para ela, mas seus olhos, abertos, olham fixamente para o vazio.

2

Quanto tempo? Ela não sabe. Reabre os olhos. A primeira coisa que percebe é o cheiro da sua camiseta cheia de vômito.

Ainda está sentada no chão, com as costas contra a parede do quarto, olhando para o piso, obstinadamente, como que querendo que nada mais se mexesse, nem a cabeça, nem as mãos, nem os pensamentos. Ficar ali, imóvel, se fundir à parede. Quando a gente para, tudo deve parar, não? Mas esse cheiro lhe embrulha o estômago. Ela move a cabeça. Um movimento mínimo, para o lado da porta. Que horas são? Movimento inverso, mínimo, para a esquerda. No seu campo de visão, um pé de cama. É como um quebra-cabeça: basta uma peça para que se reconstitua mentalmente o todo. Sem mexer a cabeça, move com dificuldade os dedos, sente os cabelos, como uma nadadora, volta à tona, onde o terror espera por ela, mas logo para, transpassada por uma descarga elétrica: o telefone acaba de se pôr a berrar.

Sua cabeça, dessa vez, não hesitou e se voltou diretamente para a porta. É de lá que vem a campainha, do aparelho mais próximo, aquele do corredor, na mesa de cerejeira. Baixa os olhos por um instante e a imagem do corpo da criança a choca: deitado de lado, com a cabeça no seu colo, numa imobilidade que faz com que se assemelhe a um quadro.

Há ali, praticamente deitado sobre ela, um menino morto, uma campainha de telefone que não quer parar e Sophie, aquela que cuida do menino, que geralmente responde quando o telefone toca, sentada com as costas contra a parede, cheirando o próprio vômito. A cabeça começa a rodar, o mal-estar retorna, ela vai desmaiar. O cérebro está quase fundindo, a mão estendida desesperadamente, como saída de um naufrágio. É só uma impressão, pois está enlouquecida, mas o telefone parece tocar ainda mais alto. Não

ouve nada além disso, isso que perfura seu cérebro, a preenche por inteiro e a paralisa. Erguendo as mãos à frente, depois ao lado, às cegas, vai tateando em busca de um apoio, finalmente encontra algo duro, à direita, algo em que se agarrar para não se afogar de vez. E essa campainha que não para, que não quer parar... Sua mão agarrou a mesinha de cabeceira onde fica o abajur de Léo. Aperta-a com todas as forças e esse exercício muscular faz com que o mal-estar lhe dê uma trégua por um instante. O telefone para de tocar. Decorrem-se longos segundos. Ela prende a respiração. Seu cérebro conta, lentamente... quatro, cinco, seis... o telefone parou de tocar.

Passa um braço sob o corpo do Léo. Não pesa nada. Consegue repousar sua cabeça no chão e, num esforço desmedido, ficar de joelhos. Agora voltou o silêncio, quase palpável. Ela respira aos solavancos, como uma mulher em trabalho de parto. Um longo fio de saliva escorre no canto dos lábios. Sem virar a cabeça, ela olha para o vazio: procura uma presença. Pensa: tem alguém aqui, dentro do apartamento, alguém que matou Léo, alguém que vai me matar também.

No mesmo instante, o telefone toca de novo. Uma nova descarga elétrica atravessa seu corpo de cima a baixo. Ela procura ao seu redor. Encontrar alguma coisa, rápido... O abajur de cabeceira. Pega-o e puxa de uma só vez. O fio se solta da tomada e ela caminha pelo cômodo, lentamente, em direção ao telefone, pé ante pé, segurando o abajur como uma tocha, como uma arma, sem se dar conta do ridículo da situação. Mas é impossível ouvir a mínima presença com esse telefone que urra, que berra, sem cessar, com essa campainha que espicaça o espaço, mecânica, obcecante. Ela alcança a porta do quarto, quando, brutalmente, o silêncio se impõe. Avança e, abruptamente, sem saber por quê, está certa de que não tem ninguém no apartamento, de que está sozinha.

Sem nenhuma reflexão, sem hesitar, segue até o fim do corredor, rumo aos outros cômodos, brandindo o abajur diante dela,

arrastando o fio pelo chão. Ruma para a sala, entra na cozinha, sai, abre portas, todas as portas.

Sozinha.

Desaba no sofá e finalmente larga o abajur. Na camiseta, o vômito ainda parece fresco. É tomada de nojo novamente. Com um só gesto, tira a camiseta, joga no chão, levanta e avança em direção ao quarto do menino. Lá está ela agora, encostada no umbral da porta, olhando para o pequeno corpo morto deitado de lado. Com os braços cruzados sobre o peito nu, ela chora de mansinho... Tem que chamar. Não adianta nada mais, mas tem que chamar. A polícia, uma ambulância, o Corpo de Bombeiros, a gente chama quem em um caso desses? A senhora Gervais? O medo vem como um soco no estômago.

Gostaria de sair correndo, mas não pode. Meu Deus, Sophie, em que enrascada você foi se meter?! Como se já não bastasse... Melhor ir embora logo, agora, antes que o telefone toque de novo, antes que a mãe, preocupada, pegue um táxi e despenque aqui com gritos, choros, polícia, perguntas, interrogatórios.

Sophie não sabe mais o que fazer. Chamar? Fugir? Tem que escolher entre o mau e o pior. É exatamente isso a sua vida.

Ela se endireita, finalmente. Algo nela está decidido. Começa a correr dentro do apartamento, de um cômodo para o outro, chorando, gesticulando desordenadamente, deslocando-se sem objetivo, ouvindo a própria voz choramingar como a de uma criança. Tenta repetir para si mesma: “Concentre-se, Sophie. Respire e tente pensar. Tem que se vestir, lavar o rosto, pegar suas coisas. Rápido. E ir embora. Agora. Junte suas coisas, arrume sua bolsa, depressa”. Correu tanto por todos os cômodos, que até se desorientou. Quando passa em frente do quarto de Léo, não consegue evitar parar uma última vez, e o que ela vê primeiro não é o rosto de cera do menino, mas o pescoço e o cadarço marrom, com uma das extremidades serpenteando pelo chão. Ela o reconhece. É o cadarço dos seus próprios sapatos de caminhada.

3

Há coisas que se passaram nesse dia das quais ela não se lembra mais. O que vê em seguida é o relógio da igreja Sainte-Élisabeth, marcando 11h15.

O sol está muito forte e a sua cabeça, explodindo. Sem contar o esgotamento físico. A imagem do corpo de Léo a invade novamente. É como se ela acordasse uma segunda vez. Tenta se agarrar de novo... em quê?... À vidraça ao alcance das mãos. Uma loja. Um vidro frio. Ela sente as gotas de suor escorrendo das axilas. Geladas.

O que ela está fazendo ali? E, antes disso, onde ela está? Quer ver as horas, mas não está mais de relógio. Porém, tinha certeza de que estava usando relógio... Não, talvez não. Não se lembra mais. Rua du Temple. Meu Deus, não é possível que tenha levado uma hora e meia para chegar ali... O que será que fez esse tempo todo? Onde terá ido? E mais, Sophie, onde você está indo? Veio andando da rua Molière até aqui? Pegou o metrô?

Deu um branco. Ela sabe que está louca. Não, precisa de tempo, só isso, um tempinho para se concentrar. Pronto, é isso, deve ter vindo de metrô. Ela não sente mais o corpo, somente o suor que escorre pelos braços, as gotas que correm, lancinantes, e que ela enxuga esfregando o cotovelo contra o corpo. Como está vestida? Tem aparência de doida? Coisas demais na cabeça, zumbindo, imagens desordenadas. Precisa raciocinar, fazer algo. Mas o quê?

Ela cruza com a própria silhueta numa vitrine e não se reconhece. Primeiro pensa que não é exatamente ela. Mas sim, é ela, só que há alguma coisa diferente... Alguma coisa diferente, mas o quê?

Dá uma olhada para a avenida.

Caminhar e tentar raciocinar. Mas suas pernas se recusam a carregá-la. Só a cabeça ainda funciona, mais ou menos, no meio de

imagens e palavras que passam zunindo; ela tenta se acalmar, respirando fundo. Sente o peito apertado, como que por um torniquete. Enquanto se apoia na vitrine, ela se esforça para organizar os pensamentos.

Você fugiu. Foi isso, ficou com medo e fugiu. Quando descobrirem o corpo de Léo, virão atrás de você. Vão acusá-la de... Como é mesmo que se diz? Algo como “auxílio”... Concentre-se, Sophie.

Na verdade, é simples. Você estava cuidando do menino e alguém veio e o matou. Léo...

Aí, logo em seguida, ela tenta, mas não consegue encontrar explicação para o fato de a porta estar trancada no momento em que ia fugir. Essa explicação vai ficar para mais tarde.

Ela ergue os olhos. Conhece esse lugar. Está perto de casa. Pronto, é isso, você fugiu e está voltando para casa.

Não devia vir aqui, loucura. Se estivesse com a cabeça no lugar, jamais teria voltado aqui. Vão procurá-la. Já devem estar à sua procura. Ela é tomada por uma nova onda de cansaço. Ali, um café, à direita. Entra.

Vai se sentar bem no fundo. Um esforço intenso para raciocinar. Primeiro, situar-se no espaço. Está sentada no fundo e, com olhos febris, olha fixamente para o rosto do garçom que se aproxima, dá uma olhada geral à sua volta para ver por onde poderá escapar caso... mas não acontece nada. O garçom vem e não pergunta nada, só olha para ela com um ar blasé. Ela pede um café. O garçom dá meia-volta e vai ao balcão num passo arrastado.

Isso, primeiro situar-se no espaço.

Rua du Temple. Está a... vejamos, de casa, três, não, quatro estações de metrô. Isso, quatro estações: Temple, République, uma conexão e aí... Qual é a quarta estação, meu Deus? Desce ali todos os dias, já pegou essa linha milhares de vezes. Consegue enxergar claramente a entrada, a escada, as rampas de metal, a banca de revistas ali no canto, com aquele cara que sempre diz: “Caralho, que tempo, hein!”... Que merda!

O garçom traz o café, deixa a nota do lado: um euro e dez centavos. Será que tenho dinheiro? Ela colocou a bolsa na sua frente, em cima da mesa. Nem tinha percebido que estava com ela.

Age sem memória alguma, automaticamente, com a cabeça vazia, sem se dar conta de nada. É assim que tudo aconteceu. É por isso que ela fugiu.

Concentre-se, Sophie. Qual é o nome da merda dessa estação? Sua vinda até aqui, a bolsa, o relógio... Algo age por ela, como se fosse duas. Eu sou duas. Uma que treme de medo diante deste café que está esfriando e outra que estava andando, apanhou a bolsa, tinha esquecido o relógio e volta agora para casa como se nada tivesse acontecido.

Ela coloca a mão na cabeça e sente as lágrimas rolarem. O garçom está olhando, enquanto enxuga os copos com uma cara falsa de desinteresse. Eu estou louca e dá para notar... Tenho que ir embora, levantar e ir embora.

De repente, uma onda de adrenalina a invade: se estou louca, talvez todas essas imagens sejam falsas. Talvez seja um pesadelo que estou sonhando acordada. Ela extrapolou todos os limites. É isso, um pesadelo, nada mais. Sonhou ter matado o menino. De manhã, ficou com medo e fugiu? Tive medo do meu próprio sonho, só isso.

Lembrou-se: Boa-nova! Bonne-Nouvelle! Isso, o nome da estação de metrô, Bonne-Nouvelle! Não, tem outra, antes. Mas, dessa vez, vem fácil: Strasbourg-Saint-Denis.

A sua, a sua estação é a Bonne-Nouvelle. Com certeza, lembre-se dela muito bem agora.

O garçom olha para ela de uma maneira estranha. Ela começa a rir mais alto. Chora e, de uma hora para a outra, está dando gargalhadas.

Tudo isso é real ou não? Tem que conferir. Deixar tudo claro. Tem que telefonar. Que dia é hoje? Sexta... Léo não tem aula. Está em casa. Léo deve estar em casa.

Sozinho.

Fugi e o menino ficou sozinho.

É preciso ligar.

Ela apanha a bolsa e abre como se fosse rasgá-la. Vasculha. Lembra o número de memória. Enxuga os olhos para ver melhor as teclas. Está tocando. Uma, duas, três vezes. Toca e ninguém atende. Léo não tem aula, está sozinho no apartamento, o telefone toca, e ninguém atende... O suor escorre de novo, nas costas, desta vez. “Que merda, atende!”. Ela continua contando quantas vezes toca, inconscientemente, quatro, cinco, seis. Um clique, silêncio e, depois, uma voz inesperada. É o Léo que ela queria escutar, mas é a mãe quem fala: “Você ligou para a casa de Christine e Alain Gervais...”. Essa voz calma e segura lhe dá um frio na espinha. Está esperando o quê para desligar? Cada palavra a cola mais na cadeira. “Não estamos no momento...”. Sophie aperta com força o botão do telefone.

Incrível como leva tempo para ela articular duas ideias elementares... Analisar. Entender. Léo sabe perfeitamente atender o telefone, faz a maior festa quando consegue chegar primeiro, tirar o telefone do gancho, responder, perguntar quem está falando. Se Léo estivesse lá, atenderia, então simplesmente não está lá.

Que merda, onde será que foi parar aquele moleque se não está em casa? Ele não sabe abrir a porta sozinho. Desconfiada, sua mãe mandou instalar trincos de segurança logo que ele começou a esquadrihar cada canto da casa. Ele não atende, e não pode ter saído de casa: quadratura do círculo, impossível isso. Onde foi parar aquele idiota?

Raciocina. Que horas são agora? 11h30.

Sobre a mesa, estão espalhados os objetos que saíram da sua bolsa. No meio deles, até um absorvente interno Nett. Devem pensar o quê dela? No balcão, o garçom conversa com dois caras. Clientes assíduos, sem dúvida. Devem estar falando dela. Cruzam os olhares, vagamente, desviam. Ela não pode ficar ali. Tem que ir

embora. De súbito, apanha tudo que está na mesa, enfia na bolsa e vai saindo.

– Um e dez!

Ela volta atrás. Os três homens olham de modo estranho para ela, que fuça na bolsa, arranca com muito custo duas moedas, coloca-as sobre o balcão e sai.

O tempo ainda está bonito. Involuntariamente, ela filma na sua cabeça os movimentos da rua, os pedestres caminhando, os carros passando, as motos arrancando. Andar. Andar e raciocinar. Dessa vez, a imagem de Léo aparece nítida, nos mínimos detalhes. Não é um sonho. O menino está morto e ela está fugindo.

A faxineira deve chegar ao meio-dia! Não há razão alguma para que alguém entre no apartamento antes do meio-dia. Aí o corpo do menino será encontrado.

Então é preciso ir embora. Com cautela. O perigo pode chegar a qualquer momento, em qualquer lugar. Não pode ficar parada, tem que se mexer, andar. Juntar as suas coisas, fugir, rápido, antes que a encontrem. Afastar-se de lá por um tempo, somente o necessário para que possa raciocinar. Entender. Quando ela estiver num lugar tranquilo, poderá analisar a situação. Voltará com as explicações para tudo, é isso. Mas agora, tem que ir embora. Para onde?

Ela para de repente. Quem vem atrás acaba trombando com ela, que balbucia uma desculpa. Está parada no meio da calçada, olhando à sua volta. Tem bastante movimento na rua. E um sol terrível. A vida perde um pouco da sua loucura.

Pronto, lá está a florista, a loja de móveis. Rápido. Fixa o olhar no relógio da loja: 11h35. Corre para o hall de entrada do prédio, revira a bolsa, tira a chave. Correspondências na caixa do correio. Não pode perder tempo. Terceiro andar. Chaves de novo, primeiro a do trinco de segurança, depois a da fechadura. Suas mãos estão tremendo, ela coloca a bolsa no chão, tem que recomeçar duas vezes, tenta respirar bem fundo, virou a segunda chave, finalmente, a porta se abre.

Ela fica no limiar da porta escancarada: em nenhum momento pensou que podia não ter raciocinado direito, que podiam estar ali, esperando por ela... Reina o silêncio no corredor do seu andar. Sente a luz familiar do seu apartamento. Fica parada, como uma estátua, mas não escuta nada além da batida do próprio coração. De súbito, um sobressalto: barulho de chave numa porta. No mesmo pavimento, à direita. Sua vizinha. Sem pensar duas vezes, entra correndo em casa. A porta bate sem que tenha tempo de segurá-la. Ela para de novo, escuta. O vazio, tão frequentemente desesperador, agora é um alívio. Devagar, segue em frente no cômodo. Dá uma olhada no despertador: 11h40. Mais ou menos. Esse despertador nunca esteve certo. Adiantado ou atrasado? Pelo que se lembra, ele se adianta sozinho. Talvez não.

Tudo se desenrola ao mesmo tempo. Ela pega a mala no guarda-roupa, abre as gavetas da cômoda, agarra as roupas aleatoriamente e depois corre para o banheiro, varre a prateleira com a mão e derruba tudo dentro da bolsa. Dá uma olhada ao redor. Os documentos! Na escrivaninha: passaporte, dinheiro. Tem quanto? Duzentos euros. O talão de cheques! Onde está essa merda de talão? Na minha bolsa. Confere. Mais uma olhada à sua volta. Minha blusa de frio. Minha bolsa. As fotos! Ela retorna à cômoda, abre a primeira gaveta, o porta-retratos com a foto do seu casamento. Pega, joga tudo dentro da mala e fecha.

Tensa, cola o ouvido na porta e escuta. Mais uma vez, as batidas do seu coração ocupam todo o espaço. Encosta as duas mãos na porta, bem espalmadas. Concentre-se, Sophie. Não ouve nada. De golpe, apanha a mala e abre a porta: ninguém no patamar, ela fecha a porta com uma só puxada, nem se dá ao trabalho de trancar. Desce correndo as escadas. Um táxi está passando. Ela dá sinal. Ele para. O sujeito quer guardar a bagagem no porta-malas. Não dá tempo! Ela mete tudo no banco traseiro e entra.

O sujeito disse:

– Para onde?

Ela não sabe. Hesita por um instante.

– Para a estação de trem... Gare de Lyon.

Quando o táxi entra em movimento, ela olha pelo vidro traseiro. Nada fora do comum, alguns veículos, pedestres. Pode respirar. Deve estar com cara de louca. Pelo retrovisor, o motorista olha desconfiado para ela.

4

Em situações de emergência, é engraçado como as ideias se encaixam por si mesmas. Ela gritou:

– Pare, pare!

Surpreso, o taxista dá uma freada brusca. Eles não andaram nem 100 metros. Mal dá tempo para ele virar para trás, ela já saiu do carro.

– Já volto. Me espere aqui!

– Bom, assim a senhora não me ajuda muito... – diz o motorista.

Ele olha para a mala jogada no banco traseiro. Nem a mala nem a cliente inspiram muita confiança. Ela hesita. Precisa dele, e tudo está tão complicado agora... Ela abre a bolsa, tira cinquenta euros e estende a nota para ele.

– Isso é o suficiente?

O taxista olha para a nota, mas não pega.

– Bom, tudo bem, eu espero – diz ele –, mas ande logo...

Ela atravessa a rua e entra correndo no banco. O lugar está praticamente vazio. Atrás do guichê, um rosto desconhecido, uma mulher, mas ela vem tão pouco nessa agência... Ela tira o talão de cheques e coloca-o no balcão.

– Queria ver a situação da minha conta, por favor...

A atendente olha ostensivamente para o relógio de parede, apanha o talão, digita as informações no teclado e observa as unhas enquanto a impressora faz seus ruídos. As unhas e o relógio. A impressão que se tem é de que a impressora está realizando um trabalho extraordinariamente difícil, precisando de quase um minuto para cuspir dez linhas de texto e cifras. A única cifra que importa a Sophie é a última.

– E a minha poupança...

A atendente suspira.

– A senhora sabe o número?

– Não, não me lembro, sinto muito...

Sua cara é a de quem realmente sente muito. Ela sente muito. O relógio está marcando 11h56. Agora ela é a única cliente ali. O outro atendente, um sujeito alto, se levantou, atravessou a agência e está começando a baixar as persianas. Uma luz completamente artificial, clínica, substitui progressivamente a luz do dia. Com essa luz filtrada, abafada, chega um silêncio vibrante, denso. Sophie não se sente bem. De jeito nenhum. A impressora faz seus ruídos novamente. Ela olha as duas cifras.

– Vou sacar seiscentos da conta corrente e... deixa eu ver... cinco mil da poupança...?

Ela terminou sua frase como uma pergunta, como um pedido de autorização. Preste atenção, Sophie. Demonstre segurança.

Do outro lado do guichê, um ligeiro pânico no ar.

– A senhora gostaria de fechar as contas? – pergunta a atendente.

– Não, não... (Preste atenção, você é a cliente, você que decide.) Não, é que estou precisando de dinheiro em espécie. (Muito bem, isso mesmo, boa essa de “em espécie”, dá um ar mais sério, adulto.)

– É que...

A atendente olha, nesta ordem, para Sophie, para o talão de cheques na sua mão, para o relógio de parede que segue sua corrida rumo ao meio-dia, para o colega que está agachado trancando as portas de vidro, que está baixando a última persiana e que está agora olhando para elas com uma impaciência indisfarçável. Ela hesita quanto à conduta a ser adotada.

Agora a coisa parece bem mais complicada que o esperado. A agência está fechada, é meio-dia, o taxista deve ter visto as persianas baixarem...

Ela diz, esboçando um sorriso:

– É que eu também estou com pressa...

– Um momento, vou ver...

Não dá mais para segurá-la, já empurrou a portinha do guichê e está batendo na porta do escritório logo em frente. Nas suas costas, Sophie sente o olhar do colega encarregado de fechar as portas, o qual preferiria estar encarregado de se sentar à mesa do almoço. Como é desagradável sentir alguém, assim, com esse olhar nas suas costas. Mas tudo é desagradável numa situação dessas, sobretudo esse sujeito chegando, acompanhando a atendente do guichê.

Ele, sim, ela o conhece, não se lembra mais do nome, mas foi ele que a recebeu no dia da abertura da conta. Um sujeito de uns bons 30 anos, com um rosto meio bruto, do tipo que deve sair de férias com a família, jogar bocha ao ar livre, falando bobagem, usar sapatos sem meias, ganhar vinte quilos nos próximos cinco anos, encontrar com amantes no intervalo do almoço, falar delas com os colegas, do tipo alto funcionário detentor do recorde em assédios dentre todas as agências do banco BNP, com a camisa encardida, um “Senhorita” bem acentuado. Do tipo estúpido.

O estúpido está ali, diante dela. Do lado, a atendente parece menor que antes. É o efeito que causa a autoridade. Sophie entende muito bem quem deve ser esse sujeito. Ela sente o suor no corpo todo. Meteu-se em uma bela de uma enrascada.

– Fui informado de que a senhora gostaria de sacar... (aí, o sujeito se curva para a tela do computador, como se tomasse conhecimento da questão pela primeira vez) praticamente a totalidade do que dispõe, em espécie.

– Por acaso é proibido?

No mesmo instante ela percebeu que aquela não era a melhor solução. Se você bate de frente com um indivíduo estúpido desses, a guerra está declarada.

– Não, não, não é proibido, é que...

Ele se volta para trás, endereça um olhar paterno para a atendente, ainda a postos, perto do cabideiro onde estão os

casacos:

– Pode ir, Juliette, eu mesmo fecho, não se preocupe.

A maldita da Juliette não pensa duas vezes.

– Não está satisfeita com os nossos serviços, Sra. Duguet?

Batem-se as portas do fundo da agência, o silêncio pesa ainda mais que um tempo atrás. Ela raciocina o mais rápido possível...

– Não, de forma alguma... É só porque... estou partindo de viagem, só isso. E preciso de dinheiro em espécie.

A palavra “espécie” não soa mais tão bem empregada quanto antes, tomou um tom de pressa, de precipitação, de estranheza, de malandragem até.

– Precisa de dinheiro em espécie... – repete o sujeito. – É que, normalmente, para somas dessa importância, preferimos marcar uma hora com o cliente. No horário de funcionamento... Por uma questão de segurança, não é mesmo?

Está mais do que claro o que se deve subentender ali, algo tão típico de um indivíduo desses que ela poderia lhe dar um tapa na cara. Ela se fixa à ideia de que precisa, absolutamente, necessita desse dinheiro, e ao fato de que o táxi não vai ficar esperando o dia todo, de que ela tem que sair dali, de que tem que se sair bem dessa.

– Decidi viajar na última hora. No último instante até. Preciso ir, impreterivelmente. Preciso, impreterivelmente, ter essa soma à minha disposição.

Ela olha para o sujeito e algo nela começa a ceder, um pouco de dignidade, suspira, vai fazer o que for necessário, o que lhe causa certo desgosto.

– Entendo perfeitamente que coloquei o senhor em uma situação delicada, Sr. Musain. (Lembrou-se de repente do nome do sujeito, como um leve sinal de confiança reencontrada.) Se tivesse dado tempo para telefonar com antecedência, eu teria ligado. Se tivesse podido escolher a hora da minha partida, não teria vindo no horário de fechamento. Se não precisasse desse dinheiro, não teria

incomodado o senhor. Mas preciso. Preciso de toda essa quantia. Agora mesmo.

Musain abre um sorriso com certa bondade. Ele sente que agora está jogando melhor suas cartas.

– Trata-se também de saber se dispomos dessa soma em espécie...

Sophie sente o suor na pele, branco, frio, feito neve.

– Mas vou verificar – disse Musain.

Disse isso e desapareceu. Para o escritório. Para telefonar? Para que entrar no escritório para ver o que tem no cofre?

Desamparada, ela olha para a porta da agência, para as persianas baixas, para a porta dos fundos pela qual saíram para almoçar os dois atendentes e que fez um barulho metálico de porta blindada. Um novo silêncio paira no ar, mais lento, mais ameaçador que o anterior. O sujeito está telefonando, com certeza. Para quem? Mas já está retornando. Ele se aproxima, não do lado de lá do guichê, como mais cedo, mas do lado dela, com um sorriso insinuante no rosto. Está muito perto dela, muito mesmo.

– Acho que vamos poder dar um jeito nisso, Sra. Duguet – solta ele com um sopro de ânimo.

Ela dá um sorriso encabulado. O sujeito não se mexe. Sorri com os olhos fixos nela, que também não se mexe, continua sorrindo. Era só isso. Sorrir. Responder à demanda. O sujeito vira as costas e se afasta.

Sozinha de novo. 12h06. Corre para as persianas, levanta algumas das lâminas. O táxi ainda está esperando. Não consegue distinguir bem o motorista. Está lá, deu para notar. Mas precisa ir mais depressa. Bem depressa.

Ela retoma sua posição de cliente, acotovelada no balcão, e o sujeito ressurgiu do seu antro. Colocou-se do outro lado do guichê e contou seus 5.600 euros. Ocupa o lugar do atendente e digita no teclado do computador. A impressora retoma seu trabalho,

laboriosamente. Enquanto espera, ele olha para ela e sorri. Ela se sente completamente nua. Finalmente assina o recibo.

Musain não economizou nas recomendações. Em seguida, guardou o dinheiro em um envelope pardo e estendeu-o para ela com ares de satisfação.

– Uma jovem como a senhora, tão delicada, na rua, com todo esse dinheiro, eu não deveria permitir... Seria imprudente da minha parte...

“Tão delicada”! Isso é um sonho ou o quê?

Ela pega o envelope. Bastante volumoso. Ela não sabe bem o que fazer com ele, enfia-o no bolso interno da sua blusa de frio. Musain olha para ela com um rosto meio duvidoso.

– É o táxi – balbucia ela. – Deve estar esperando lá fora, preocupado... Depois eu guardo isso direito...

– Claro – diz Musain.

Ela se vai.

– Espera!

Ela vira para trás, pronta para tudo, pronta para a briga, mas ele está sorrindo.